



Revista Conexão UEPG
ISSN: 1808-6578
ISSN: 2238-7315
revistaconexao@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

DIVULGANDO A UNIVERSIDADE PÚBLICA: IMPACTOS DO PROJETO “VEM PRA ESALQ” NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PIRACICABA/SP

Canettieri, Endre Kurotusch; Stival, Gabriel Bianchi; Lima, Luisa de Moraes; Silva, Heloiza Bortolozzo da; Terci, Eliana Tadeu

DIVULGANDO A UNIVERSIDADE PÚBLICA: IMPACTOS DO PROJETO “VEM PRA ESALQ” NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PIRACICABA/SP

Revista Conexão UEPG, vol. 17, núm. 1, 2021

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514166114068>

DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.17.18303.68>

DIVULGANDO A UNIVERSIDADE PÚBLICA: IMPACTOS DO PROJETO “VEM PRA ESALQ” NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PIRACICABA/SP

Endre Kurotusch Canettieri
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
endre.canettieri@usp.br

DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.17.18303.68>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514166114068>

Gabriel Bianchi Stival
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
stival_g@usp.br

Luisa de Moraes Lima
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
luisademoraes@usp.br

Heloiza Bortolozzo da Silva
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
heloadmusp@usp.br

Eliana Tadeu Terci
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
etterci@usp.br

Recepción: 06 Julio 2021
Aprobación: 13 Septiembre 2021

RESUMO:

O artigo apresenta resultados do projeto “Vem Pra ESALQ”, do PET-GAEA, da “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz”, grupo ligado ao Programa de Educação Tutorial mantido pelo Ministério da Educação e Cultura. O objetivo do projeto é esclarecer e estimular os estudantes do ensino médio da rede pública de ensino a continuarem sua formação, pleiteando uma vaga na universidade pública. A execução do projeto consiste em visitas agendadas às classes de 1º e 2º anos do ensino médio das escolas da rede pública de ensino de Piracicaba, em que se faz uma apresentação sobre os desafios relativos ao ingresso e à permanência na universidade. Além das visitas, o projeto mantém uma página no Facebook e no Instagram, alimentadas com as informações mais importantes e atualizadas relativas ao ingresso e à permanência na universidade. Iniciado em 2019, o projeto já realizou visitas a 6 escolas, totalizando 19 apresentações, e atingiu cerca de 430 alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade Pública, Educação, Inclusão, Piracicaba.

ABSTRACT:

This article presents the results of the project Vem Pra ESALQ carried out by PET-GAEA (Brazilian acronyms), from Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a group linked to the Tutorial Education Program maintained by the Ministry of Education and Culture. The aim of the project is to clarify and encourage high school students from the public school system to continue their education by seeking a place at the public university. It is developed through scheduled visits to classes of 1st and 2nd years of high school from public schools located in Piracicaba, in which a presentation is made on the challenges related to entering and remaining at the university. Besides the visits, the project has a page on Facebook and Instagram updated with the most important information regarding admission and permanence at the university. Started in 2019, the project has already visited six schools, reaching about 430 students and totaling nineteen presentations.

KEYWORDS: Public University, Education, Inclusion, Piracicaba.

INTRODUÇÃO

O PET-GAEA (Programa de Educação Tutorial - Gerenciamento e Administração da Empresa Agrícola), vinculado ao Departamento de Economia, Administração e Sociologia da “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz”, campus da Universidade de São Paulo (USP), vem desenvolvendo um trabalho multidisciplinar e recebendo alunos dos diversos cursos da ESALQ.

Atendendo às diretrizes da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, órgão a que o Programa é vinculado, o PET-GAEA visa desenvolver atividades que oportunizem a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão e enfatizem, na formação dos participantes, o respeito à cidadania e à função social da educação superior. Cidadania é o princípio norteador para o desenvolvimento de habilidades individuais como liderança, proatividade e trabalho em equipe.

Um dos objetivos do PET-GAEA, registrado em seu Projeto Pedagógico, estabelece: “desenvolver projetos que levam ações de ensino, pesquisa e extensão à comunidade externa à IES, além de inserir alunos do ensino médio na vida universitária”. (PET-GAEA, 2013, p.11). Em atenção a essa meta, criou-se o projeto “Vem Pra ESALQ”, visando levar a universidade pública ao estudante da rede pública de ensino.

A literatura sobre juventude é vasta e complexa, assim como o tema. Segundo Sampaio (2011), de maneira geral, as representações de juventude são homogêneas, compartilhando as mesmas situações, expectativas, desejos e problemas. Entre essas similaridades, estão o que se convencionou chamar de “problemas dos jovens”: arranjar um emprego, enfrentar o vestibular, escolher uma profissão, relacionar-se com a família etc.

A autora acrescenta que essas similaridades comportamentais são relativas e influenciadas pelas diferenças sociais, o que sugere tratar-se de “juventudes”. Assim, dentro dessa complexa configuração de múltiplas “juventudes”, há um grupo social em particular: os jovens de origem social das camadas de baixa renda.

O acesso desse grupo ao ensino superior é alvo de debates nos campos da sociologia da juventude e da educação, em especial, o árduo caminho que esses jovens percorrem entre o ensino médio na escola pública, o vestibular e a universidade. Vale lembrar que esse trajeto não se inicia no ingresso no ensino médio, mas reproduz toda a trajetória socioeducacional do estudante (SAMPAIO, 2011).

A percepção desalentadora dos jovens de origem popular sobre a formação educacional é, muitas vezes, expressão do baixo estímulo familiar, de experiências de parentes e amigos incompletas e fragmentadas. Esse grupo de jovens tem baixa expectativa e muito pessimismo quanto à formação profissional e continuidade dos estudos, vislumbrando uma trajetória em que a possibilidade de fracasso é grande (BOUDON, 1981). Estudo realizado por Carvalho (2011), entretanto, demonstra que a taxa de desemprego dentre os jovens com ensino superior é metade daquela dos que encerram seus estudos ao concluir o ensino médio. Ademais, os rendimentos do trabalho dos graduados no ensino superior são, em média, 2,6 vezes maiores do que daqueles que contam apenas o ensino médio.

Foi a partir de tais referências e concretizando uma aspiração social das mais sensíveis que, em 29 de agosto de 2012, a presidenta Dilma Rousseff assinou a lei 12.711, conhecida como a Lei das Cotas (BRASIL, 2012), estabelecendo que

[...] as instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

A lei insere-se dentre as ações afirmativas no acesso ao ensino superior, com vistas à redução das desigualdades, haja vista que, além de priorizar os egressos da rede pública de ensino, dentre esses, ainda estabelece critérios que priorizam os de baixa renda e os negros, pardos e índios (PPI).

Muitas instituições públicas passaram a adotar políticas deste tipo a partir da promulgação da lei, a exemplo da USP que, tardiamente, através da Resolução Nº 7.373 de 2017, estabeleceu o compromisso de atingir, até 2018, a meta de 50% dos ingressantes oriundos de escolas públicas. Segundo dados de 2016, os alunos

provenientes de escolas públicas totalizaram, naquele ano, 34,6%, aproximadamente 15% abaixo da meta. Em 2018, a meta de 50% não foi atingida pela USP; em 2020, foram 47,8% e a universidade ampliou o prazo para 2021, quando finalmente registrou 51,7% de inscritos oriundos da rede pública de ensino (CRUZ, 2021). A Unicamp, em 2017, atingiu 50,3% de alunos de escola pública, e a Unesp atingiu a meta em 2016 (SALDANÃ, 2017; SANGION, 2018).

Essas considerações são sensíveis ao Programa de Educação Tutorial, que tem, dentre suas diretrizes, conforme Portaria do Ministério da Educação nº 303, art. 2º, VIII, “contribuir com a política de diversidade na instituição de ensino superior - IES, por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero” (MEC, 2013).

No âmbito da USP, há várias iniciativas visando atrair os jovens do ensino médio, particularmente os egressos das escolas públicas, a ingressarem em seus cursos, a exemplo dos programas “Universidade e as Profissões”, “Feira das Profissões” e o “Profissões na ESALQ”. Reconhece-se que estes projetos são fundamentais para divulgar os cursos oferecidos pela Universidade para a sociedade, porém sublinha-se a importância de ampliar as iniciativas e levar a universidade até os estudantes da rede de ensino público, viabilizando um diálogo mais horizontalizado, de modo que universitários e estudantes do ensino médio estejam em contato direto, favorecendo o diálogo e a comunicação, a troca de experiências e o esclarecimento das dúvidas.

Considera-se, sobretudo, a existência de importante barreira a transpor, apontada pela literatura, referente à baixa expectativa dos jovens de origem popular quanto ao acesso à universidade. Contatos anteriores proporcionados pelos programas institucionais acima mencionados revelaram que grande parte desses jovens desconhece a ESALQ, não sabe que ela é gratuita, que mantém outros seis cursos universitários, além de Engenharia Agrônoma (Administração, Ciências Biológicas, Ciência dos Alimentos, Ciências Econômicas, Gestão Ambiental, Engenharia Florestal, além das Licenciaturas), que é possível acessar suas dependências etc.

Assim, levando-se em consideração todos esses aspectos, idealizamos em 2018 o projeto Vem Pra ESALQ, com o objetivo de despertar o interesse dos jovens do ensino médio público de Piracicaba a ingressarem no ensino superior, levando a ESALQ e a universidade pública até eles, através da apresentação dos cursos oferecidos pelas universidades públicas estaduais de São Paulo e das possibilidades de permanência estudantil, além de desmistificar o vestibular e a própria imagem da universidade pública. Definiram-se 4 eixos: O que você quer ser; ESALQ além da sala de aula; Como ingressar e Como se manter.

Entende-se que a apresentação dessas informações, por parte de estudantes universitários, proporciona uma experiência interativa e lúdica aos alunos das escolas públicas, de modo a despertar-lhes a curiosidade, além de divulgar as universidades públicas paulistas - Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) - aos alunos de escolas públicas do município de Piracicaba, com idades entre 15 e 17 anos.

Essa interação permite também conhecer mais de perto a realidade desses jovens originários dos segmentos sociais de mais baixa renda, suas ambições, desejos e expectativas, de modo a estreitar os vínculos; permite ainda difundir e divulgar a realidade do ensino superior público brasileiro nesse meio social. Nesse sentido, além das apresentações, o projeto mantém páginas nas principais redes sociais, alimentadas com informações importantes relativas aos quatro eixos do projeto.

Vale ressaltar que a excepcionalidade dos anos de 2020 e 2021, que incorreu no cancelamento das atividades acadêmicas presenciais imposto pela pandemia da Covid-19, exigiu do grupo a busca de alternativas para não paralisar o projeto e a priorização do contato com os estudantes através das mídias sociais. Essa experiência levou o grupo a aperfeiçoar os conhecimentos e uso das técnicas e ferramentas disponíveis na internet, transferindo para o contexto virtual os principais instrumentos de comunicação do projeto. Assim, ao acessar as páginas do VPE nas redes sociais, o aluno do ensino médio pode conhecer como funciona o processo de ingresso em uma universidade pública, o estilo das provas e conteúdos abordados, até

conhecer as possibilidades de auxílio no caso de apresentar necessidades socioeconômicas. Além de o público se tornar muito superior àquele limitado às visitas presenciais, o contato com os alunos passou a ser frequente, com disponibilização de informações abrangendo diversos temas relativos aos vestibulares e às universidades semanalmente.

Trata-se, portanto, de um projeto de extensão universitária, haja vista seu compromisso com a inclusão social e a democratização do acesso ao ensino superior, concomitante à ampliação do conhecimento sobre a realidade do jovem estudante do ensino médio da rede pública estadual paulista.

Dentre as dimensões do denominado tripé universitário, certamente a extensão é a dimensão mais complexa, considerando-se suas inúmeras possibilidades e procedimentos. O Brasil, desde 1999, tem um Plano Nacional de Extensão Universitária que serviu de base para a definição da Política Nacional de Extensão Universitária aprovada pelo Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras – FORPROEX, após ampla discussão e debates. A versão mais recente de 2012 traz uma definição sucinta, mas bastante completa:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012, p. 28)

A partir do Plano, cada universidade define seus projetos, ações e políticas considerando seu ambiente interno (sua vocação, sua expertise, os conhecimentos acumulados) e externo (a caracterização geopolítica, os recursos disponíveis, os carecimentos e oportunidades, socioeconômicas etc.). É bastante consensual, entretanto, a compreensão da extensão como o processo interativo universidade-comunidade, horizontal, buscando a popularização da ciência e a descoberta de meios de enfrentamento das questões e problemas sociais, através dessa interlocução. Ainda assim, a interatividade pode ser matizada considerando-se os casos específicos. Por exemplo, na Universidade de São Paulo, tem-se uma definição ligeira, em que o princípio da interação não aparece, mas sim a ideia de estender, levar o conhecimento à sociedade através de cursos, eventos e prestação de serviços, a partir dos exemplos disponíveis, notando-se que interagir associa-se a entregarⁱ. Na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, encontra-se uma definição mais complexa que concebe as práticas de extensão como “direito social”, o respeito à diversidade cultural e a promoção do encontro entre os “saberes acadêmicos e os saberes espontâneos”ⁱⁱ.

Na Universidade São Judas, também o princípio da interação fica muito evidente no seu projeto extensionista; o propósito de transpor muros, ultrapassar o ambiente acadêmico e atingir o público não universitário, estabelecer a troca de conhecimentos: levar os saberes adquiridos na universidade e apreender as “necessidades, anseios, aspirações e saberes da comunidade, socializando e democratizando o conhecimento”ⁱⁱⁱ.

Já para a Universidade Federal do Espírito Santo, o conceito de extensão está associado ao compartilhamento: “a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social”^{iv}.

Os exemplos são fartos, mas os aqui reproduzidos confirmam o caráter extensionista do VPE, o compromisso em levar a universidade pública ao jovem estudante do ensino médio público de Piracicaba, motivá-lo a inseri-la em seu projeto de vida através de relatos de experiências de pessoas como eles, de trajetórias semelhantes e mesmo diversas da sua, e demonstrar-lhes o quanto este projeto poderá fazer grande diferença em sua trajetória. Ao mesmo tempo, dar oportunidade aos universitários participantes do projeto conhecer de perto a realidade desses jovens e ampliar cada vez mais o conhecimento sobre a realidade da sociedade brasileira.

Desta forma, o artigo está organizado em seções além desta Introdução: na próxima, realiza-se uma discussão teórica.

Os desafios dos jovens de baixa renda: desmistificando a geração “nem-nem”

Segundo estimativa do IBGE para 2019, o Brasil tinha uma população de 210,1 milhões de habitantes, dentre os quais 53,7 milhões (um quarto) eram jovens em idade inferior a 18 anos. Estudo realizado pelo grupo Todos pela Educação, com base na PNAD contínua, aponta que, entre esses jovens, 62% estão fora da escola e, destes, 55% pararam de estudar no ensino fundamental, ao passo que 4 entre 10 jovens menores de 29 anos deixam os estudos, sem concluir o ensino médio antes de começar a trabalhar.

A situação se agrava quando se considera a situação econômica do Brasil de baixo crescimento, o que deu origem à denominada geração “nem-nem-nem”: jovens que não estudam, nem trabalham, nem procuram emprego. De acordo com a PNAD contínua do IBGE de 2017, esse contingente representava 11,16 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos e representa 23% da população nesta faixa, 619 mil a mais do que em 2016. Ou seja, jovens que não encontram oportunidade no mercado de trabalho e não se interessam em procurar emprego ou continuar a estudar.

Ao se deparar somente com os dados, sem realizar qualquer análise crítica, pode-se erroneamente chegar à conclusão de que tal situação é fruto da preguiça e apatia desta geração. Não é. Um estudo do Banco Mundial realizado em Pernambuco traçou três perfis diferentes de jovens “nem-nem”: os que estão em busca de emprego, mas não conseguem por falta de qualificação/experiência, também chamadas de barreiras externas; os que desejam trabalhar, mas não possuem referenciais ou projetos de vida que possibilitem isso, também conhecidas como barreiras internas; e o último perfil traçado é relacionado às meninas que, por influências socioculturais, acham que trabalhar não é função para elas, que o seu dever é cuidar da casa.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, o desemprego entre jovens de 18 a 24 anos e sem experiência profissional era mais que o dobro da taxa geral de desemprego. Dentro desta faixa etária, existem diversas questões que contribuem para esse número assustador, como a evasão escolar e a baixa escolaridade, a segregação socioespacial, a jornada de trabalho familiar e a dificuldade de acesso às experiências profissionais. Historicamente, os jovens em condição de fragilidade econômica tendem a renunciar ao ensino em busca de empregos, mesmo que temporários e informais, para auxiliar na renda familiar, mas que, a longo prazo, acaba se tornando um problema: sem qualificação e sem experiência formal, torna-se um ciclo vicioso, estando cada vez mais difícil se inserir (ou se reinserir) no mercado de trabalho.

Ademais, a questão socioeconômica é outro fator que influencia diretamente na questão dos jovens “nem-nem”. Segundo o projeto ReSolution, a oferta de emprego chega a ser cem vezes menor nas periferias. Os resultados da pesquisa recente demonstram que, frente a poucas oportunidades, a falta de experiência foi apontada por 77% dos entrevistados como um dos principais obstáculos para se conseguir um emprego. Isto se torna um ciclo vicioso: os jovens não conseguem emprego por falta de experiência, mas como conseguir experiência se ninguém dá uma primeira chance?

Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano

No Brasil, as transformações na economia vêm se mostrando cada vez mais desfavoráveis para a evolução do emprego e da força de trabalho. No que se refere aos índices de desemprego no país, é evidente que, dentre todas as faixas etárias, os jovens constituem o segmento mais frágil nessa categoria. Entretanto, existem atributos pessoais dentro desse grupo que tornam o processo ainda mais difícil, tais como idade, sexo, condição econômica e/ou região de moradia.

Desdobrando-se os grupos de idade, é possível perceber que aqueles que têm entre 18 e 24 anos têm maior participação na composição da força de trabalho do que os mais jovens, e isso provavelmente se explica pelo fato de que os jovens de 16 a 17 anos têm um forte incentivo para ir à escola na maior parte do tempo. Segmentando-se ainda mais, é possível notar que existe mais possibilidade de participação para os homens

do que para as mulheres no mercado de trabalho. Porém, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho é proporcionalmente menor conforme a idade diminui, ou seja, quanto mais jovem, menos desigual e isso provavelmente se deve à natureza das ocupações nas faixas etárias inferiores, caracterizadas por atividades não qualificadas no setor de serviços. Além dessas características, o fraco crescimento da atividade econômica brasileira também tem penalizado principalmente os trabalhadores jovens, já que têm menos experiência (DIEESE, 2005).

A respeito do recorte regional, é possível destacar que os jovens nordestinos têm ainda maior dificuldade na busca por emprego, por conta da menor dinamicidade da economia nesta região. Ademais, a inserção do jovem no mercado de trabalho também se distingue por sua condição socioeconômica, já que, para as camadas com menor rendimento, o percentual de jovens que participam da PEA (estando ou não empregadas) é sempre inferior ao registrado para os jovens de famílias com maior poder aquisitivo. A proporção de inativos entre os jovens mais pobres está relacionada às dificuldades de entrada no mercado de trabalho e isso acaba por definir o padrão de inserção dessa população. Nesse cenário, parte do segmento de jovens pobres vai para a inatividade e alguns insistem na busca malsucedida de um emprego. Essa situação retroalimenta a pobreza do segmento descrito, já que dificulta o acesso ao emprego, que poderia levar à ascensão social.

Segundo os autores, a fase entre os 16 e 24 anos é chave para a formação escolar e ingresso na vida profissional e o sucesso ou fracasso das iniciativas acaba por direcionar o futuro do indivíduo. Com o recorte de classe mais uma vez, os mais abastados permanecem mais na escola e estudam mais, já os jovens mais pobres, ou deixam os estudos, ou lutam para conciliar a escola e o trabalho - ou a busca por ele.

Nesse contexto, a falta de perspectiva dos jovens se destaca como um dos principais fatores de desintegração social. O desemprego entre os jovens é um fator de exclusão que toma proporções preocupantes entre a população de todas as áreas urbanas, porém, afeta principalmente a faixa etária de 16 a 17 anos, mulheres, jovens que vivem nas regiões do nordeste do Brasil e aqueles pertencentes a famílias de classes sociais mais baixas.

Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior

As transformações mais recentes que ocorreram no ensino superior, como ampliação de campus das universidades federais, bem como do número de vagas no período noturno, implicaram na ampliação da presença de jovens trabalhadores na universidade, porém esta realidade está muito aquém do esperado. Estudo do Instituto SEMESP (dados de 2018, publicados em 2020) - Mapa do Ensino Superior do Brasil^v, que considera o conjunto de estudantes do ensino superior das instituições de ensino públicas e privadas, apontou uma diferença grande entre os universitários das redes pública e privada do ensino superior: enquanto 61,8% dos alunos das instituições privadas trabalham e estudam (sendo 69% com carteira de trabalho assinada); nas instituições públicas os estudantes trabalhadores representam 40,3% do total (49,5% com carteira assinada).

Apesar das expectativas positivas criadas, ainda pesam diversas dificuldades e obstáculos para o acesso ao ensino superior, o que requer uma análise mais acurada dos perfis desses jovens, suas experiências de vida e o que se projeta para as próximas gerações.

Uma primeira observação importante refere-se ao perfil socioeconômico do segmento social composto pelos jovens universitários brasileiros, que desde sempre representa um grupo de privilegiados; isso tem mudado com o passar dos anos, mas não na velocidade esperada. Isto fica muito evidente pelo Mapa do Ensino Superior no Brasil do SEMESP, ao revelar que enquanto a classe A representa 61% dos jovens entre 18 e 24 anos nas universidades, a classe E representa apenas 10,5% dos jovens. No que se refere aos jovens universitários da classe C, apenas um terço deles frequenta as universidades públicas.

O estudo aponta ainda que, comparativamente a 2010, observa-se uma evolução bastante positiva na diversidade dos estudantes de ensino superior graças à política de cotas da rede pública e programas de financiamento da rede privada, a exemplo do FIES, cuja crise tem exigido enorme sacrifício dos estudantes que tiveram que recorrer a recursos próprios: enquanto em 2012, 14,1% dos ingressantes do ensino superior se utilizavam de recursos próprios para o financiamento de seus estudos, em 2018 esse percentual elevou-se a 34,8%.

Ainda no que diz respeito às relações entre os jovens e o trabalho, no caso do brasileiro, há evidências de “trajetórias não-lineares” dentre os jovens profissionais. Esse fenômeno é consequência, principalmente, de uma seguridade social muito frágil, principalmente no suporte aos desempregados, o que os obriga a recorrer a toda sorte de ocupações precárias para obtenção de renda, aos “bicos” como são comumente chamados. Assim, vale dizer que a trajetória profissional da maioria dos jovens brasileiros apresenta um grau altíssimo de instabilidade, com o trabalho representando apenas uma forma de “se virar” para “ganhar a vida”, fazendo com que a experiência no mercado de trabalho seja limitada à sobrevivência cotidiana e não como uma preparação para a vida adulta.

Do que foi exposto, pode-se inferir que os jovens brasileiros não se beneficiam de uma diversidade de opções no que diz respeito a uma vida universitária, haja vista que a gigantesca maioria se encontra na situação de trabalho desde muito cedo, sem nenhuma intenção de cursar uma faculdade, mas de apenas sobreviver no curto prazo. Além disso, a busca que mais se caracteriza nesse grupo não é para encontrar uma universidade que irá possibilitar uma ascensão profissional ou melhores condições de carreira, mas de um trabalho com salários fixos e direitos, já que a maioria demonstra ter apenas “trajetórias não-lineares”.

De tudo o que se analisou até aqui, fica muito claro que os jovens precisam e merecem ser estimulados e motivados, pois ainda que haja uma ampliação do acesso às universidades brasileiras, infelizmente a maioria sequer considera essa possibilidade, nem ao menos vislumbra a possibilidade de ingresso e evolução numa carreira profissional que lhe garanta um futuro mais promissor, ao contrário, permanece presa às necessidades vitais de sobrevivência cotidiana, que é a de continuar sobrevivendo. Este é o objetivo principal do Vem Pra ESALQ: motivar os estudantes secundaristas da rede pública a buscarem um futuro melhor que só a educação pode oferecer.

METODOLOGIA

Primeiramente, foi criada uma Comissão dentro do PET-GAEA para tocar o projeto. Como primeira ação, a Comissão Vem Pra ESALQ/USP realizou uma conversa com a Secretaria de Ensino de Piracicaba e com o USP Profissões para facilitar acesso e entrada nas escolas de ensino médio. O projeto obteve muito boa acolhida por parte da Secretaria de Ensino, que disponibilizou a listagem das escolas de ensino médio: são 19 escolas públicas estaduais, sendo 6 classificadas como escolas de ensino integral, e as outras 13 apenas pelo ensino diurno ou noturno.

Foi possível, então, estipular um cronograma de visitas mensais em tais instituições; foram criados um e-mail do projeto (vempraesalq@gmail.com) e uma página no Facebook. Concomitantemente, realizou-se a seleção e preparação de material a respeito dos cursos oferecidos pelas três universidades paulistas (USP, UNICAMP e UNESP) e sua localização; os programas e procedimentos que oferecem para garantir a permanência estudantil, além de dicas para o vestibular e programas de inclusão social, destacando as diferenças entre as universidades. Apresenta-se um mapa do estado de São Paulo contendo a localização de todos os campi das universidades públicas do estado de São Paulo, federais e estaduais, além de outras instituições de ensino superior, no intuito de demonstrar aos alunos a série de possibilidades disponíveis para dar continuidade aos estudos.

O material, elaborado em apresentação em Power point, priorizou as quatro frentes: O que você quer ser, ESALQ além da sala de aula, como ingressar e como se manter.

A primeira frente é relativa às áreas de conhecimentos e às profissões que se relacionam às mesmas: Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias – áreas que definem as categorias aplicadas pelo INEP nas provas de ENEM. Procura-se, nesta etapa, demonstrar a diversidade de cursos existentes e oferecidos tanto pela ESALQ quanto por outros *campi* universitários, mostrando as diferentes possibilidades a serem seguidas dentro de cada área.

Em seguida, no eixo “ESALQ além da sala de aula”, apresenta-se aos alunos de ensino médio o processo de ensino fundamentado no tripé universitário ensino, pesquisa e extensão; e as atividades extraclasse que a ESALQ oferece em seu campus: a prática de diversos esportes; o desenvolvimento de projetos de iniciação científica; atividades artísticas (grupos de teatro e coral); o Museu e Centro de Ciências, Educação e Artes “Luiz de Queiroz”, onde há exposições fixas e periódicas; os centros acadêmicos; mais de 70 grupos de extensão; cursos gratuitos de estudos linguísticos; e oportunidades de intercâmbio.

Posteriormente, para contemplar o eixo “Como ingressar”, demarca-se a importância de conhecer as provas que são realizadas, através da disponibilização de vestibulares anteriores, além de se explicar detalhadamente os procedimentos e a metodologia de elaboração do ENEM e os vestibulares paulistas (relativos à Fuvest, Comvest e Vunesp). Por tratar-se de escolas de ensino público, também há um enfoque na apresentação para a Lei de Cotas e Ações Afirmativas.

Por fim, a apresentação aborda o eixo “Como se manter”, apontando os benefícios e bolsas que são oferecidos pela universidade: alimentação, moradia e transporte, além de contar com apoio ambulatorial e psicológico.

Outras informações relevantes são passadas, como a existência de oportunidades de cursinhos gratuitos, a importância do conhecimento prévio das leituras obrigatórias e dos editais das provas supramencionadas e a possibilidade de os alunos realizarem os vestibulares como treineiros.

Para finalização da apresentação, há o momento de esclarecimento de dúvidas, em que os alunos buscam mais informações em relação ao que foi exposto previamente. Em seguida, aplica-se um questionário aos alunos para que façam apontamentos quanto à efetividade da visita. Tal questionário é composto por 5 questões objetivas, seguindo uma Escala de Likert, acerca do conhecimento ou desconhecimento dos alunos sobre o conteúdo da apresentação:

Contribuição da apresentação para melhor entendimento sobre os vestibulares e sobre a universidade em si (se as explicações foram claras e sucintas).

Antes da apresentação, você já tinha a intenção de entrar em uma Universidade?

Antes da apresentação, você já tinha ouvido falar sobre as provas dos vestibulares?

apresentação contribuiu para um melhor entendimento sobre o modo de como ingressar e de como se manter na Universidade, além das oportunidades que ela oferece?

Você quer ingressar em uma Universidade?

As perguntas foram selecionadas visando perceber o nível de conhecimento dos alunos de cada escola sobre o processo de ingresso no ensino superior, a fim de identificar as perspectivas mais comuns entre esses jovens, o grau de importância que atribuem à continuidade dos estudos na universidade, bem como até que ponto a realização da visita do projeto “Vem Pra ESALQ” ampliou o conhecimento e despertou o interesse em alcançar o ensino universitário.

Ademais, a partir de 2020, no contexto da pandemia da COVID-19, as páginas no Facebook e no Instagram foram incrementadas, visando manter o contato com os estudantes de Ensino Médio nessa conjuntura adversa. Os integrantes do projeto gerenciam tais mídias sociais, garantindo publicações semanais acerca tanto de conteúdos relativos ao vestibular quanto da disseminação de vivências na universidade pública.

As principais temáticas publicadas nessas redes compreendem relatos de universitários da ESALQ sobre suas experiências com projetos de iniciação científica, participação em grupos de extensão etc.; relatos de egressos sobre suas experiências profissionais recentes, tratando da rotina de cada profissão e de como eles aplicam o conhecimento obtido na graduação nesta vivência; a criação e divulgação de drives de conteúdo com provas anteriores e simulados dos vestibulares paulistas e do ENEM; e a divulgação de indicações de filmes, livros e séries para fomentar o repertório sociocultural dos estudantes. Dessa forma, toda a comunidade “Esalqueana” pode ser integrada ao projeto, ampliando a rede de contatos universitários aos futuros ingressantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez preparados os materiais de apoio, como slides, questionários e atividades, foram feitas visitas ao longo de três anos de projeto. Foram realizadas visitas às turmas dos primeiros e segundos anos de sete escolas e um cursinho popular gratuito: Escola Prof^o José de Mello Moraes; Escola Estadual Sud Mennucci; Escola Estadual José Coury; Escola Estadual Mello Contrim; Escola Abigail de Azevedo Grillo; Escola Estadual Pedro de Mello; Escola Técnica Estadual Dr. José Coury e Cursinho Popular Podemos + Piracicaba.

Escolas	Perguntas													
	1				2			3		4		5		
	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Sim	Talvez	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Prof. José de Mello Moraes (1ª B)	79,3%	20,7%	0,0%	0,0%	75,0%	17,9%	7,1%	96,6%	3,4%	89,7%	10,3%	88,9%	11,1%	
Prof. José de Mello Moraes (1ª A)	96,9%	3,1%	0,0%	0,0%	71,9%	9,4%	18,8%	81,3%	18,8%	87,5%	12,5%	96,9%	3,1%	
Sud Mennucci (1ª C)	93,5%	6,5%	0,0%	0,0%	58,1%	25,8%	16,1%	83,9%	16,1%	76,7%	23,3%	86,2%	13,8%	
Sud Mennucci (1ª B)	61,1%	33,3%	5,6%	0,0%	61,1%	16,7%	22,2%	83,3%	16,7%	64,7%	35,3%	83,3%	16,7%	
Sud Mennucci (1ª A)	88,9%	11,1%	0,0%	0,0%	65,4%	19,2%	15,4%	84,6%	15,4%	80,8%	19,2%	96,0%	4,0%	
Jorge Coury (1ª A)	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	74,1%	14,8%	11,1%	92,6%	7,4%	76,9%	23,1%	100,0%	0,0%	
Jorge Coury (1ª B)	76,9%	19,2%	3,8%	0,0%	69,2%	19,2%	11,5%	96,2%	3,8%	96,2%	3,8%	80,8%	19,2%	
Jorge Coury (1ª C)	80,0%	20,0%	0,0%	0,0%	48,0%	32,0%	20,0%	80,0%	20,0%	92,0%	8,0%	83,3%	16,7%	
Mello Contrim (1ª A)	76,9%	23,1%	0,0%	0,0%	46,2%	46,2%	7,7%	80,8%	19,2%	73,1%	26,9%	92,3%	7,7%	
Mello Contrim (1ª B)	85,2%	14,8%	0,0%	0,0%	51,9%	33,3%	14,8%	74,1%	25,9%	81,5%	18,5%	80,0%	20,0%	
Mello Contrim (1ª C e 1ª D)	70,0%	26,7%	3,3%	0,0%	68,3%	26,7%	10,0%	79,3%	20,7%	80,0%	20,0%	78,6%	21,4%	
Abigail de Azevedo Grillo (1ª A, 1ª B e 1ª C)	97,2%	2,8%	0,0%	0,0%	54,3%	25,7%	20,0%	88,6%	11,4%	71,4%	28,6%	88,6%	11,4%	
Abigail de Azevedo Grillo (2ª A e 2ª B)	93,3%	6,7%	0,0%	0,0%	60,0%	26,7%	13,3%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	
Pedro de Mello (1ª A)	91,7%	8,3%	0,0%	0,0%	54,2%	33,3%	12,5%	87,5%	12,5%	100,0%	0,0%	91,3%	8,7%	
Pedro de Mello (1ª B)	86,4%	13,6%	0,0%	0,0%	47,6%	47,6%	4,8%	76,2%	23,8%	86,4%	13,6%	80,0%	20,0%	
Pedro de Mello (2ª)	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	68,8%	25,0%	6,3%	100,0%	0,0%	100,0%	0,0%	93,8%	6,3%	
Público total	398													
Média aritmética	23,412													

Quadro 1 - Comparação das respostas obtidas nas escolas visitadas

Fonte: Autores

Uma primeira constatação relevante e preocupante foi que os alunos têm pouco ou nenhum conhecimento sobre formas de acesso e permanência nas universidades públicas; na maioria das vezes, eles sabem o que é o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas não sabem para que serve ou quais oportunidades ele oferece, por exemplo. Por esse motivo, as visitas às escolas foram muito bem recebidas, não apenas por alunos, mas pelos professores, que se interessaram pela proposta e muitas vezes interagiram, trazendo suas vivências e experiências pessoais.

As últimas duas visitas foram realizadas de modo remoto, por conta do isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, e foi necessário fazer algumas adaptações: deixou-se de aplicar o questionário ao final das apresentações, assim como desistiu-se da realização do quiz. Considerou-se que essas adaptações não afetaram o objetivo das visitas e foram mais adequadas ao público-alvo, alunos de cursinhos populares e turmas de terceiro ano.

Como pode-se observar no Gráfico 1, a totalidade dos alunos que responderam ao questionário acredita que a apresentação teve uma contribuição positiva para o melhor entendimento sobre os vestibulares e sobre a universidade.

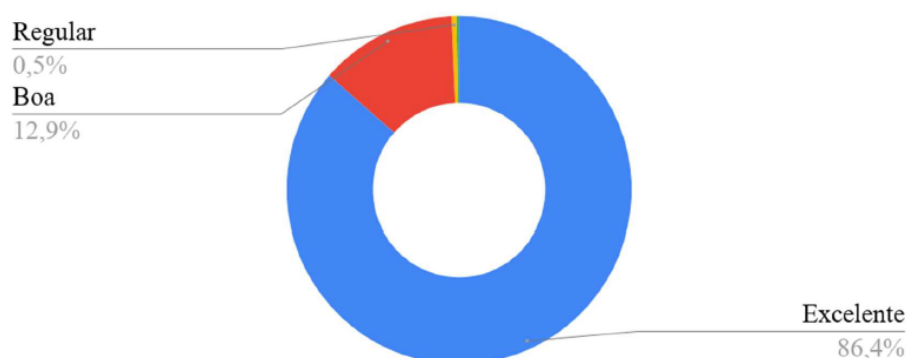


Gráfico 1 - Contribuição da apresentação para melhor entendimento sobre os vestibulares e sobre a universidade em si (todas as escolas).

Fonte: Autores

A constatação mais preocupante revelada nas conversas com professores e agentes da área de educação é que, muitas vezes, os alunos não têm pretensão de ingressar no ensino superior, de fazer uma faculdade, seja por motivos socioeconômicos, visto que eles têm que trabalhar para contribuir financeiramente em casa, seja por falta de conhecimento sobre o impacto e a importância que isso tem na vida de uma pessoa.

Tal constatação pode ser confirmada pelo Gráfico 2, que explora esse interesse: em torno de 39% dos estudantes entrevistados não têm clareza sobre a intenção de entrar em uma universidade.

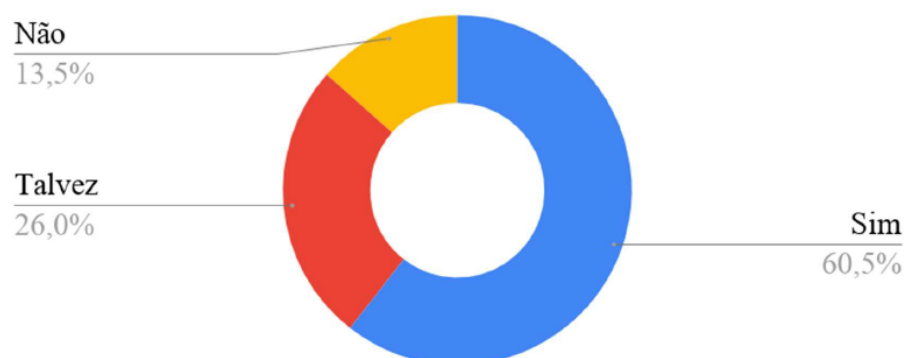


Gráfico 2 - Antes da apresentação, você já tinha ouvido falar sobre as provas dos vestibulares? (Todas as escolas)

Fonte: Autores

O Gráfico 3 mostra que a maioria (86%) dos alunos entrevistados já tinha ouvido falar sobre os vestibulares, entretanto, através das visitas, percebeu-se que, na maioria das vezes, os alunos não conhecem os procedimentos, calendários, taxas e isenções sobre a dinâmica dessas provas, ou ainda sobre os programas de permanência estudantil oferecidos nas universidades públicas.

O impacto positivo da visita evidencia-se no Gráfico 4, em que 84% dos alunos afirmaram que a apresentação contribuiu para o melhor entendimento sobre este assunto.

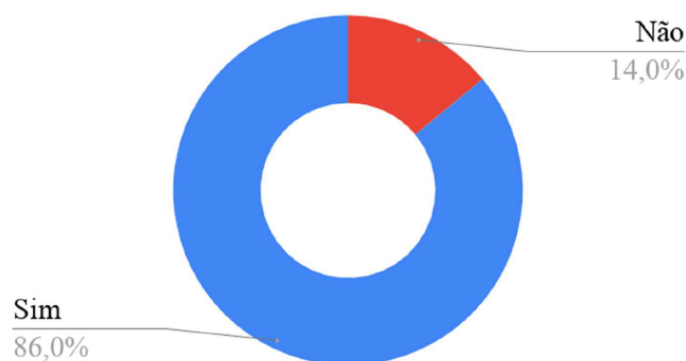


Gráfico 3 - Antes da apresentação, você já tinha ouvido falar sobre as provas dos vestibulares? (Todas as escolas)

Fonte: Autores

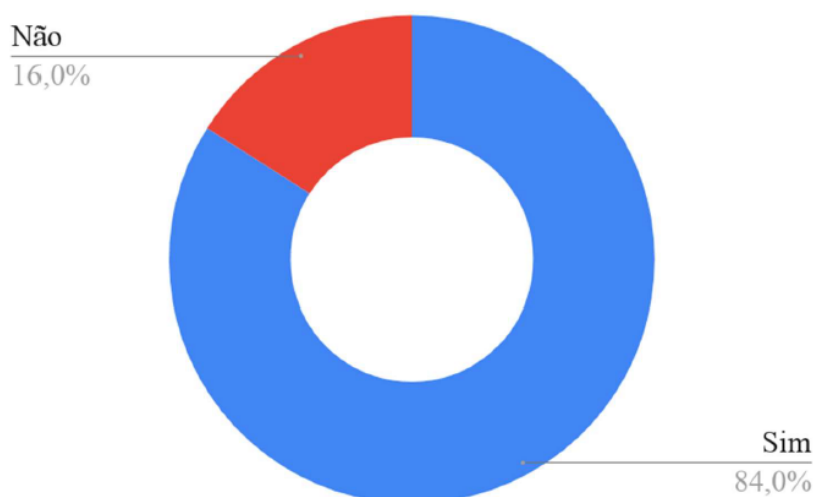


Gráfico 4 - A apresentação contribuiu para um melhor entendimento sobre o modo de como ingressar e de como se manter na Universidade, além das oportunidades que ela oferece? (Todas as escolas)

Fonte: Autores

A partir do Gráfico 5, é possível ver o impacto positivo e resultado de todos os esforços do VPE: ao final da apresentação, 88% dos alunos afirmaram estar interessados em ingressar em uma universidade, enquanto anteriormente essa porcentagem era de 39% dos alunos. Dessa forma, as visitas cumprem o objetivo de esclarecer aos alunos que têm interesse sobre prosseguir com sua formação e ingressar em uma universidade, mas não sabem como, além de instigar aqueles que dizem não ter interesse.

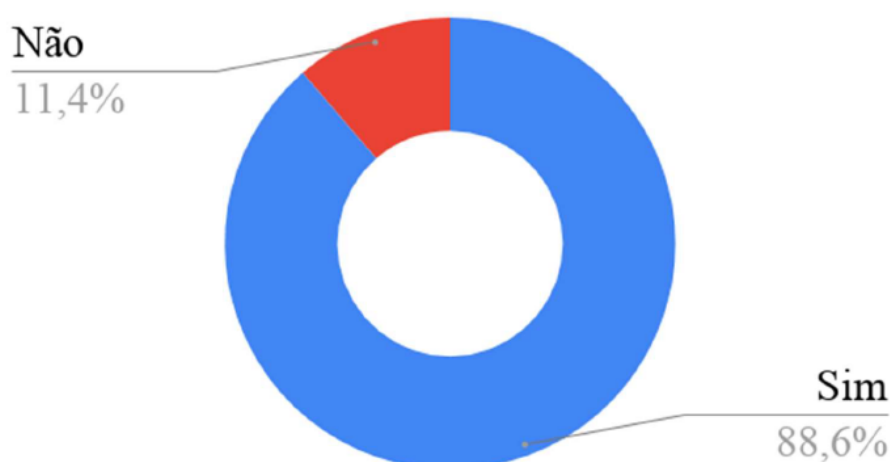


Gráfico 5 - Você quer ingressar em uma Universidade? (Todas as escolas)

Fonte: Autores

Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior

As transformações mais recentes que ocorreram no ensino superior, que estão relacionadas a uma ampliação da presença de jovens trabalhadores na universidade, fazem com que seja fundamental o resgate desse público aos estudos. Entretanto, o cenário que se apresenta é contrário a essa expectativa, tendo em vista que existem diversas dificuldades e obstáculos para o acesso ao ensino superior, sendo necessário um aprofundamento no que diz respeito à origem de cada um desses perfis, suas experiências de vida e o que se projeta para as próximas gerações.

O cenário de jovens brasileiros nas universidades sempre foi repleto de grupos privilegiados; isso está mudando com o passar dos anos, mas não com a velocidade esperada. Atualmente, a partir de diversos projetos, há uma maior diversidade de sujeitos dentro das salas de aula de ensino superior. Os processos de expansão de ensino incorporaram jovens e adultos de classes sociais distintas, de diferentes raças ou etnias e que moram em regiões distintas. Dessa forma, fica claro que, embora este processo seja passível de críticas e que ainda apresente limitações, a incorporação de jovens que, anos atrás, não teriam condição de ingressar em uma faculdade demonstra uma certa esperança que se pode ter com tal situação para o futuro.

Por outro lado, no que diz respeito às relações entre os jovens e o trabalho, também é evidente que, no caso do brasileiro, há uma demonstração de “trajetórias não-lineares” por parte de diversos profissionais no país em geral. Esse fenômeno é consequência, principalmente, de formas institucionalizadas de suporte aos desempregados, que são muito frágeis, gerando os “bicos”, como são comumente chamados. Dessa forma, vale dizer que a jornada profissional da maioria dos jovens brasileiros sempre apresentou um grau altíssimo de instabilidade, com o trabalho sendo uma forma de “se virar” para “ganhar a vida”, fazendo com que a experiência no mercado de trabalho tenha sentido limitado à sobrevivência, não como uma preparação para a vida adulta.

Por fim, vale dizer que, como resultado de tudo o que foi exposto, os jovens brasileiros não se deparam com diversas opções no que diz respeito a uma vida universitária. Isso porque a gigantesca maioria se encontra na situação de trabalho desde muito cedo, sem nenhuma intenção de cursar uma faculdade, mas de apenas sobreviver no curto prazo. Além disso, a busca que mais se caracteriza nesse grupo não é para encontrar uma universidade que irá possibilitar uma ascensão profissional ou melhores condições de carreira, mas de um trabalho com salários fixos e direitos, já que a maioria demonstra ter apenas “trajetórias não-lineares”, como já citado acima.

Portanto, mesmo que haja uma ampliação do acesso às universidades brasileiras por parte dos jovens, é evidente que a maioria sequer considera essa possibilidade, ao mesmo tempo em que não se depara com oportunidades de crescimento na carreira, permanecendo presa a uma necessidade vital, que é a de continuar sobrevivendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o projeto “Vem para a ESALQ - VPE”, pode-se considerar o que segue. As visitas realizadas nas seis escolas públicas de Piracicaba totalizaram 19 apresentações, as quais se repetiam dependendo do número de salas existentes em cada escola, de modo que se atingiu um público de aproximadamente 430 alunos. O público-alvo foi composto de alunos do 1º e do 2º ano do ensino médio, e a partir da apresentação, os alunos ainda dispunham de um tempo considerável para refletirem e se preparem para os vestibulares.

Através dos questionários aplicados em todas as escolas visitadas, evidencia-se que a contribuição da apresentação para melhor entendimento sobre os vestibulares e sobre a universidade pública foi considerada excelente por 86,4% dos alunos.

Ademais, houve um aumento de 28,1% dos alunos interessados em entrar em uma universidade após a apresentação, o que demonstrou que o projeto vem conseguindo realizar seu objetivo de motivar os alunos de escolas públicas a dar continuidade em seus estudos.

Em virtude da suspensão das aulas em decorrência do isolamento social no ano de 2020, o planejamento passou por modificações, reforçando o aproveitamento das páginas no Instagram e no Facebook, que se tornaram fundamentais para a continuidade do projeto. Assim, foi possível reforçar as informações apresentadas nas visitas e atualizar os participantes sobre as principais notícias sobre os vestibulares.

Portanto, o projeto proporcionou uma aproximação entre a comunidade de Piracicaba jovem e o ensino superior público por meio da ESALQ. Dessa forma, os alunos adquiriram maiores conhecimentos acerca das possibilidades dentro da Universidade e sobre os vestibulares.

REFERÊNCIAS

- BOUDON, R. **A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais**. Brasília: Editora UnB, 1981.
- BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto De 2012**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 31 maio 2021.
- CARVALHO, M. M. A educação superior no Brasil: o retorno privado e as restrições ao ingresso. **Revista Sinais Sociais**, v.5, n. 15, p. 82-109, jan./abr. 2011.
- CRUZ, A. Em 2021, USP tem mais de 50% de alunos ingressantes vindos de escolas públicas. **Jornal da USP**, 28 maio 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas>. Acesso em: 31 maio 2021.
- PESSANHA, M. et al. Desemprego na Pandemia: os desafios de jovens de baixa renda. **Jornal Nexo**, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/Desemprego-na-pandemia-os-desafios-de-jovens-de-baixa-renda>. Acesso em: 31 maio 2021.
- FORPROEX. Plano Nacional de Extensão Universitária (Edição Atualizada). SESU-MEC. Natal, 1998. Disponível em: http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf. Acesso em: 31 maio 2021.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – 2017**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

- DIEESE. Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano. *Estudos e Pesquisas*, v. 11, p. 1-13, set. 2005. Disponível em <https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/estpesq11jovens.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013. *Diário Oficial da União*: Seção 1, nº 79, quinta-feira, 25 de abril de 2013.
- PET-GAEA. **Projeto Político de Diretrizes Pedagógicas do Programa de Educação Tutorial “Gerenciamento e Administração da Empresa Agrícola”**. Piracicaba: ESALQ/USP, maio 2013.
- SALDAÑA, P. USP vai ter cota de 50% para alunos de escola pública até 2021. *Jornal Folha de São Paulo*, 01 jul. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/07/1897694-usp-quer-cota-de-50-para-alunos-de-escola-publica-ate-2021.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2020.
- SAMPAIO, S.M.R. (org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/n656x/pdf/sampaio-9788523212117.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- SANGION, J. **Unicamp registra recorde de ingressantes autodeclarados negros**. UNICAMP Notícias, 10 abri. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/04/10/unicamp-registra-recorde-de-ingressantes-autodeclarados-negros>. Acesso em: 22 dez. 2020.

NOTAS

- i <https://www5.usp.br/extensao/>
- ii <https://www.ufrb.edu.br/proext/o-que-e-extensao-universitaria>
- iii <https://www.usjt.br/blog/extensao-universitaria-o-que-e-e-como-funciona/>
- iv <https://proex.ufes.br/o-que-e-extensao-universitaria>
- v Ver reportagem de Pedro Peduzzi, publicado na Agência Brasil. Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em 17/06/2021. O Instituto Semesp usou como guia para a elaboração do Mapa do Ensino Superior os dados do Censo da Educação (2018), divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 2019 e outras fontes como IBGE, microdados do ENEM e do PROUNI, Big Data.